

## NO SERMÃO DA MONTANHA: AS BEM-AVENTURANÇAS COMO INCENTIVO AOS DESVENTURADOS EM MT 5,1-12

*Dionísio Oliveira Soares\**

### **Resumo**

*O texto das chamadas bem-aventuranças, por sua profundidade extrema em termos de orientação existencial, não pode escapar à temática do poder da comunicação na Bíblia. Nele o evangelista expressa pela voz de Jesus de Nazaré os pressupostos básicos para os cidadãos que fazem parte do Reino dos Céus. Neste artigo, a começar por uma breve análise do conjunto estrutural do Evangelho, bem como do Sermão da Montanha como um todo, será feita uma análise dos v. 1-12 do capítulo 5, o texto das bem-aventuranças. Num contexto de perseguição ético-social vivido pela comunidade mateana, a relação dos cristãos com o judaísmo reflete a postura desses cristãos inseridos nesse ambiente. O grupo de Mateus lutava então pela sua própria subsistência social, com o judaísmo formativo ganhando espaço religioso. Por isso muitas instruções se davam em função de responder ao que o judaísmo formativo exercia sobre os leitores de Mateus. Nesse contexto, as bem-aventuranças são primeiramente uma referência ao próprio grupo mateano, um incentivo à perseverança nas práticas cristãs adotadas por ele. Os cidadãos do Reino dos Céus e sua justiça, Reino esse que já havia sido inaugurado por Jesus de Nazaré, participam dessas bem-aventuranças, e como participantes devem almejar e lutar pela implantação desse Reino, pois o Reino dos Céus e sua justiça pertencem aos bem-aventurados (v. 11-12).*

**Palavras-chave:** *Evangelho de Mateus. Bem-aventuranças. Justiça. Esperança. Reino dos Céus.*

### **Abstract**

*The text of the so-called Beatitudes is a great example of the power of the communication in the Bible, especially because of its existential orientation.*

\* Bacharel e Licenciado em Letras Clássicas pela UFRJ, Mestre e Doutor em Teologia Bíblica pela PUC-RJ/ Yale University. Docente na Faculdade Batista do Rio de Janeiro – FABAT.

*In this text, the evangelist expresses through the voice of Jesus of Nazareth the basic presuppositions for the citizens who take part in the Kingdom of Heaven. First of all, this paper it does a brief analysis of the literary structural set of the Gospel. After this, it does the same with the Sermon on the Mount as a whole. Then the paper analyzes the pericope of Mt 5:1-12, the text of the Beatitudes, from the context of the Gospel itself. In a context of ethic-social persecution in which the community of Matthew was living, the relationship between Christianity and Judaism reflects the behavior of the disciples of Jesus in that environment. Therefore, the Matthew's group was struggling for their own social subsistence whereas the formative Judaism was getting religious influence. Because of this, many instructions present in the Gospel were given in response to what the Formative Judaism was throwing on the readers of Matthew. In this context, the Beatitudes are primarily a reference to the Matthew group itself, in order to encourage it in persevering to the Christian practices adopted by the components of the Kingdom of Heaven and its justice, which had already been inaugurated by Jesus. The citizens of this Kingdom take part in these beatitudes, so they should seek this Kingdom and also strive for its implantation, for the Kingdom of Heaven and its justice belong to the blessed (v. 11-12).*

**Keywords:** *Gospel of Matthew. Beatitudes. Righteousness. Hopefulness. Kingdom of Heaven.*

## Introdução

Após o Evangelho da Infância (capítulos 1 e 2) e das narrativas de batismo e tentação (capítulos 3 e 4), o Evangelho de Mateus registra nos capítulos 5–7 a proclamação de Jesus conhecida como o *Sermão da Montanha* (ou *Sermão do Monte*).

Ao passo que em Mateus o discurso se dá numa colina próxima a Cafarnaum, no Evangelho de Lucas a maior parte dessa proclamação ocorre numa planície próxima a essa mesma cidade (Lc 6,17), daí ser chamado lá de “Sermão da Planície”<sup>1</sup>. A versão lucana é bem mais concisa (Lc 6,20-49), pois Lucas suprimiu o que era de cunho estritamente judaico. No entanto, há extratos paralelos ao texto de Mateus, dispersos em seis capítulos do Evangelho de Lucas (capítulos 6, 11, 12, 13, 14 e 16).

Não vamos explorar a questão da fonte utilizada pelo evangelista, em analogia com Lucas, por exemplo... Partimos do princípio literário de que os evangelistas, tanto Mateus quanto Lucas, tinham intenções religiosas, não biográficas; ou seja, não registraram a chamada *ipsissima verba* (as palavras exatas dos

1. Cf. STAGG, Frank. Mateus. In: ALLEN, Clifton J. (Ed.). *Comentário bíblico Broadman*, p. 136, v. 8.

falantes nos discursos e diálogos), nem mesmo as ocasiões específicas, mas sim a *ipsissima vox*: a intenção foi fazer o registro de uma apresentação fidedigna do essencial daquilo que foi apresentado, neste caso, pelo Mestre Jesus Cristo, certamente registro esse pautado também na tradição cristã.

Na prédica da montanha Jesus revela de modo definitivo as exigências do novo Reino que Ele anuncia. Jesus se apresenta não somente como o portador de uma nova, a nova do Evangelho, mas também como um mestre da vida em sua dimensão existencial, que orienta o ser e o agir para os cidadãos desse Reino se encaixarem em sua proposta de vida neste mundo. Promessa de salvação e prática humana aparecem aqui inseparáveis.

Assim sendo, segundo Mateus, Jesus se assenta no alto da montanha, postura de Mestre em sua função de ensino, e começa a proclamar aos discípulos uma Nova Lei, cuja essência estabelece as bases para o cidadão do Reino dos Céus.

### **1. A essência do cidadão deste Reino, deduzida a partir da soma das bem-aventuranças, constitui na verdade a essência do próprio Reino: a justiça**

Segundo o texto de Mateus, Jesus vai ao alto da montanha e faz ali a sua prédica, a exemplo de Moisés, que havia promulgado os 10 mandamentos (fundamento da Lei e da religião judaica até então) após recebê-los do próprio Deus no topo do Monte Sinai (cf. Ex 19,20). A montanha não tem aqui um valor topográfico, mas sim o lugar da revelação divina, como outrora foi o Sinai para os israelitas, e mais à frente os discípulos se dirigirão a um monte na Galileia ao encontro do Cristo ressuscitado (cf. Mt 28,16). Satanás também já havia oferecido a Jesus, no capítulo 4, ou seja, na sequência da narração do evangelista, no cume de uma montanha, “todos os reinos deste mundo”, e agora Jesus apresenta também, por contraste, o Reino dos Céus justamente sobre uma montanha. Além de Moisés, no Antigo Testamento Deus já havia se manifestado em montes a Abraão (Gn 22,14) e a Elias (1Rs 19,8). Na literatura greco-romana, o Monte Olimpo era a morada dos deuses Zeus e Júpiter, dentre outros. Montanhas são normalmente consideradas lugares santos.

A nova Lei apresentada por Jesus parte da essência própria dos cidadãos desse Reino, o Reinado de Deus, que Cristo veio implantar. O título tradicional de “sermão”, usado por Agostinho e retomado no início da Idade Moderna (século XVI), não condiz com o real gênero do discurso, especialmente para o leitor moderno, para o qual o termo “sermão” remete simplesmente à “orientação moral”, “admoestação corretiva”, ou algo parecido<sup>2</sup>. Pelo seu conteúdo de matiz ético, o discurso das bem-aventuranças poderia ser chamado de “A ética do Reino

2. Para a discussão mais ampla do gênero do discurso, cf. CARTER, Warren. Some Contemporary Scholarship on the Sermon on the Mount. *CurBS* 4 (1996), p. 183-215; aqui p. 192-194.

de Deus”, pois “as bem-aventuranças têm uma estreita relação com a moral e a ética. Ao revelar um novo modo de vida, a bem-aventurança afeta o comportamento moral e exige uma consciência ética”<sup>3</sup>. No entanto, longe de se entender as bem-aventuranças como simplesmente uma espécie de catálogo de virtudes eclesiais, pode-se aprofundar e dizer que, além da ética, o texto descreve o fundamento, um princípio<sup>4</sup>, a própria essência dos cidadãos que integram este Reino, pois as oito bem-aventuranças são dirigidas à 3ª pessoa (“Felizes são os que...”, ou seja, “Eles...”)<sup>5</sup> nos v. 3-10, a primeira e a última terminando com a sentença “pois deles é o Reino dos Céus”.

Esse gênero literário era já conhecido no AT, com motivos diversos. Um deles é o caráter sapiencial, visando à dimensão existencial do cidadão, como no caso do Sl 1,1-2: “Bem-aventurado quem não segue o conselho dos maus, não anda pelo caminho dos pecadores nem toma parte nas reuniões dos zombadores, mas na lei do Senhor encontra sua alegria e nela medita dia e noite”. Outro é o escatológico, visando uma dimensão futura, como em Dn 12,12: “Bem-aventurado quem souber esperar e alcançar os mil trezentos e trinta e cinco dias”. Muito provavelmente o texto das bem-aventuranças era originalmente do gênero sapiencial, seguindo a tradição sapiencial judaica<sup>5</sup>. No contexto do Evangelho se torna parenético. As pessoas consideradas felizes, bem-aventuradas, pelo evangelista são justamente aquelas de quem jamais se imaginaria, em seu presente estado de coisas, serem consideradas felizes.

Nos v. 11 e 12 há prescrições dirigidas à 2ª pessoa (“Felizes sois vós...”) que se juntam para formar a essência do cidadão deste reino: cada uma delas não deve existir de fato sem as demais, ou seja, elas se integram umas às outras. Esses versos apresentam também a causa das perseguições (a implantação do Reino, bem como a promessa de recompensa/vitória e a comparação dos injustiçados com os profetas do passado). Para o evangelista, a perseguição aos cristãos estabelecida pelos judeus pode ser vista pelo viés de que Israel como instituição sempre perseguiu os seus profetas. Por analogia, da mesma forma que estes foram recompensados pelo próprio Deus, a comunidade perseguida também será.

De qualquer forma, Mateus qualifica o discurso de Jesus como um ensinamento. Para essa primeira parte do Sermão da Montanha, ou seja, a seção das bem-aventuranças, se fosse usada uma palavra para resumir a sua temática, essa palavra seria de fato *ética*, mas como fruto de um princípio inerente ao próprio discípulo: a inauguração do Reino requer cidadãos aptos para fazer parte do mesmo.

3. BETZ, Hans D. *The Sermon on the Mount: A Commentary on the Sermon on the Mount, including the Sermon on the Plain (Matthew 5:3-7:27 and Luke 6:20-49)*, p. 97.

4. *Ibidem*, p. 96.

5. *Ibidem*, p. 94.

Assim sendo, as bem-aventuranças estabelecem o padrão de conduta dos cidadãos desse Reino. Respondem à pergunta: Que tipo de atitude possui o cidadão desse Reino? Ou, mais ainda, que tipo de pessoa constitui esse Reino? Os justos, os que buscam a justiça. Entretanto, os que buscam justiça onde? Somente na eternidade? Jesus já havia advertido logo no início da pregação do Evangelho: *é chegado o Reino dos Céus* (Mt 4,17). O tempo verbal traduzido em Português por “é chegado” é o *perfeito* na língua grega: estabelece algo que começou no passado, mas tem efeitos, influxos no presente... Então, pode-se dizer que ele foi *inaugurado*, mas seu processo de estabelecimento está em andamento, e os que fazem esse processo caminhar são justamente os cidadãos do reino, os bem-aventurados.

A justiça e o Reino dos Céus estão atrelados (cf. Mt 6,33: “Buscai em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça, e todas essas coisas vos serão dadas por acréscimo”). Segundo Luz:

Em todas as passagens de Mateus *dikaiosýnê* [justiça] *pode* ser entendida como uma atitude ou comportamento humano; em algumas delas o termo *deve* ser entendido dessa maneira. Uma vez que a primeira e segunda estrofes das Bem-aventuranças terminam com essa palavra-gancho, tudo favorece a interpretação de *dikaiosýnê* da mesma maneira nos versos 6 e 10<sup>6</sup>.

Neste caso, o termo reflete uma conduta ou atitude humana, pois somente se persegue alguém por causa de sua conduta ou atitudes.

Muito provavelmente, para o evangelista Jesus se apresenta então como o “novo” Moisés, o legislador de uma nova Lei, a Lei do Evangelho, a qual privilegia os desamparados, os injustiçados. Segundo Carter, “fundamental para todas as bem-aventuranças é o estabelecimento da justiça ou retidão de Deus pela remoção dos relacionamentos sociais opressores e da distribuição inadequada dos recursos”<sup>7</sup>.

O próprio Evangelho de Mateus como um todo está organizado em cinco grandes blocos temáticos, lembrando o Pentateuco, os quais juntamente com a introdução e a conclusão perfazem o total de sete partes, número representativo da perfeição na tradição judaica: a introdução (o Evangelho da Infância, Material Exclusivo de Mateus, cap. 1–2); o 1º bloco temático (com o tema da justiça do Reinado de Deus, cap. 3–7; o 2º bloco (a justiça do Reinado liberta os pobres e oprimidos, cap. 8–10); o 3º bloco (a justiça do Reinado produz conflitos, cap. 11,1–13,52); o 4º bloco (a ação de Jesus faz nascer um novo povo para o Reina-

6. LUZ, Ulrich. *Matthew 1-7: A Commentary*, p. 195 (colchetes nossos, grifos do autor).

7. Cf. CARTER, Warren. *O Evangelho de São Mateus: comentário sociopolítico e religioso a partir das margens*, p. 179.

do, cap. 13,53–18,34); o 5º bloco: a implantação definitiva do Reinado de Deus, cap. 19–25); e a conclusão (composta da narrativa da paixão: prisão, julgamento, condenação, morte e ressurreição de Jesus, que marcam a páscoa da libertação, cap. 26–28).

Vale ressaltar ainda que todos os cinco blocos misturam narrativa e discurso, os quais também são em número de cinco: o 1º discurso (Mt 5–7, justamente o *Sermão da Montanha*); o 2º discurso (9,35–10,42, o *discurso missionário*); o 3º discurso (13,3b-52, o *discurso em parábolas*); o 4º discurso (18,3-34, o *discurso eclesiológico*); e o 5º discurso (Mt 23–25: o *discurso escatológico*).

O primeiro discurso como um todo, o *Sermão da Montanha*, também pode ser dividido em cinco temas principais (mais uma vez, esse número, do Pentateuco!): a) o espírito que deve animar os filhos do Reino (Mt 5,3-48); b) o espírito com que devem eles “cumprir” as leis e as práticas do judaísmo (6,1-18); c) o desprendimento das riquezas (6,19-34); d) as relações com o próximo (7,1-12); e) a necessidade de entrar no reino por uma decisão corajosa que se traduza em atos (7,13-27).

Jesus retoma a Lei de Moisés e a reinterpreta através de *antíteses*: “Ouvistes o que foi dito aos antigos... eu, porém, vos digo...” As antíteses “não são um puro e simples artifício literário; e o *vós* dos discípulos é sublinhado em contraste com o comportamento dos mestres da lei e dos fariseus”<sup>8</sup>. Assim sendo, elas refletem justamente a tese de Jesus de Nazaré contrário ao judaísmo formativo. De qualquer forma, a exemplo dos fariseus, Jesus reinterpreta a Lei de Moisés. Nesse sentido, então, Ele se comporta como tal, mas diferindo da postura desse grupo religioso<sup>9</sup>.

Na época da composição do texto, os cristãos muito provavelmente já não tinham mais acesso à sinagoga local devido à segregação por terem adotado Jesus de Nazaré como Messias. Essa segregação trazia dificuldades sociais, com opressão econômica consequente da dominação romana e dos conflitos que haviam provocado o enfraquecimento agrícola da região. Essa tese pode ser vista em textos como Mt 6,25-34. A separação dos cristãos e judeus somente se daria de forma definitiva no II século, mas o grupo mateano se apresentava como alternativa ao judaísmo tradicional, contando também, é claro, com a presença de muitos gentios convertidos<sup>10</sup>.

Ao longo do Evangelho fica claro que o redator atribui as dificuldades enfrentadas pela comunidade à prática da *justiça*, no sentido de expressão correta

8. Cf. BARBAGLIO, Giuseppe; FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. *Os Evangelhos, I*, p. 104 (grifo do autor).

9. Cf. também DAVIES, W.D. *The Setting of the Sermon on the Mount*, p. 256-315; Davies enxerga no Sermão da Montanha respostas às disposições do Concílio de Jamnia.

10. Para um desenvolvimento abrangente do tema, cf. OVERMAN, J.A. O desenvolvimento social da comunidade de Mateus. In: *O Evangelho de Mateus e o judaísmo formativo*, p. 79-148.

da Lei judaica conforme interpretada por Jesus de Nazaré, e não pelas autoridades judaicas. Essa justiça então se expressa pela ética, pelo comportamento adequado e esperado dos componentes da comunidade<sup>11</sup>. Entretanto, não é o comportamento ético que estabelece o relacionamento adequado com Deus, mas sim o contrário: a correta comunhão com Deus, baseada no amor, perdão e misericórdia, é que possibilitará o cumprimento do procedimento ético adequado. Assim sendo, o justo é o praticante dessa Lei conforme a interpretação dada por Jesus. A justiça praticada pelos componentes da comunidade deve exceder à dos escribas e fariseus, pois ao contrário não há como ser cidadão do Reino dos Céus (cf. Mt 5,20). A qualificação de “justo” passa então a designar os judeu-cristãos que compõem a comunidade cristã, sendo os “injustos” os adversários dela. Em outras ocasiões o Evangelho de Mateus também reflete essa qualificação de “justos” para os componentes da comunidade, como em 10,41 e 13,17.

No caso das bem-aventuranças, o texto apresenta-se construído em duas estrofes: a primeira compreendendo os v. 3-6 e a segunda os v. 7-10, cada uma com quatro bem-aventuranças. As quatro da primeira estrofe indicam a relação entre Deus e o homem, e as quatro da segunda as relações humanas. A menção da promessa do Reino de Deus (“porque deles é o Reino dos Céus”) ocorre justamente no início da primeira estrofe e ao final da segunda, revelando claramente o tipo de cidadão que fará parte desse reino. Os dois versos seguintes, 11 e 12, aplicam claramente o conteúdo das bem-aventuranças aos ouvintes de Mateus (“vós”), à comunidade injustiçada que anseia por um Messias e um Reino no qual a justiça de Deus corrija as injustiças e perseguições do tempo presente. É a expectativa messiânica, motivo advindo do Antigo Testamento. Até mesmo o tema da ressurreição é visto pelo evangelista e pela comunidade de Mateus como uma ação divina no intuito de corrigir as injustiças praticadas nos martírios dos justos cristãos<sup>12</sup>.

A menção de “perseguição” nos dois últimos versos torna-se relevante também na medida em que aparece no v. 44 deste mesmo capítulo a admoestação de como se relacionar com os perseguidores, que “armas” utilizar contra eles (“Ora, eu vos digo: Amai os vossos inimigos e orai por aqueles que vos perseguem”), com a recompensa por esse proceder registrada no verso seguinte (“Assim vos tornareis filhos do vosso Pai que está nos céus; pois Ele faz nascer o seu sol sobre maus e bons e faz cair a chuva sobre justos e injustos”). Esse resultado, o “tornar-se filho de Deus”, remete ao proceder já registrado na sétima bem-aventurança (5,9: “Bem-aventurados os que promovem a paz, porque serão chamados filhos de Deus”). Esse tipo de proceder revela mais uma vez a “justiça que excede a dos

11. OVERMAN, J. Andrew. *Church and Community in Crisis: The Gospel According to Matthew*, p. 104.

12. Cf. SOARES, Dionísio O. The Background of the Resurrection in Matthew 27:52-53. *Glossolalia 2* (Fall 2009), p. 118-129.

escribas e fariseus” (5,20), pois “se amais somente aqueles que vos amam, que recompensa tereis” (5,46a)?

## 2. Este Reino já teve início, devendo ser implantado a partir de já, a partir do momento atual

A tradição cristã, especialmente a de cunho protestante, espiritualizou deveras as bem-aventuranças. Os “pobres” no v. 3, destacados como “pobres no espírito”, em Lc 6,20 aparecem sem essa qualificação (“no espírito”)<sup>13</sup>; pelo contexto de sofrimento e injustiça referidos em todo o Evangelho de Mateus, como exemplificado já nos v. 11-12 deste capítulo, “pobre” aqui seria o equivalente a “oprimido”, “sem direitos adquiridos”, “explorado”, os “indefesos e marginalizados” do tempo de Jesus<sup>14</sup>, aqueles que não tinham o suficiente para prover sua própria existência<sup>15</sup>. Normalmente, os *pobres* referidos no NT são aqueles que tiveram seus direitos alienados, usurpados, injustiçados. Já a expressão verbal normalmente traduzida por “os que choram” no v. 4 remete em última instância a “chorar com aflição”, “prantear”, “estar de luto”, sentindo-se vítima de injustiça ou opressão... Não é qualquer choro!

Assim, as características dos cidadãos do Reino descritas neste texto são para o agora, para serem vividas no presente, e não para um futuro na eternidade. O Evangelho deve lutar contra o oposto das bem-aventuranças (poderiam ser chamadas de “más-aventuranças”), ou seja, toda *injustiça social*, *opressão*, *escravidão*, *usurpação*, *tristeza*, *perturbação*, *agitação*, *injustiça em geral*, *impiedade*, *orgulho*, *impureza*, *corrupção*, *violência* e *perseguição*.

A *injustiça social* é contrária aos *pobres* (v. 3); *opressão*, *escravidão*, *usurpação* e *tristeza* contrariam os que *choram aflitos* (v. 4); os *perturbadores* e *agitadores* contrariam os *mansos* (v. 5, os quais renunciam à retaliação); a *injustiça em geral* contraria os que *têm fome e sede de justiça* (v. 6, não que a esperem alcançar com perfeição, mas que lutam por ela<sup>16</sup>); a *impiedade* e *orgulho* contrariam os

13. Segundo Betz, “a expressão ‘pobre (no) espírito’ aponta primeiramente para uma percepção intelectual da condição humana” (cf. BETZ, Hans D. Op. cit., p. 115).

14. Cf. BARBAGLIO, Giuseppe; FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. Op. cit., p. 108. Segundo Carter, os pobres incluem aqui os estrangeiros, os órfãos, as viúvas, os necessitados, os aleijados fisicamente (cegos e coxos) e os impotentes diante do iníquo opressor (cf. CARTER, Warren. *O Evangelho de São Mateus*, p. 179). Para Frank Stagg, os “pobres” podem ser identificados com o “povo da terra” (cf. STAGG, Frank. In: ALLEN, Clifton J. (Ed.). Op. cit., p. 139).

15. Cf. HAUCK, Friedrich. “ptôchós”. In: KITTEL, G. (Ed.). *TDNT*, p. 886-7, v. 6.

16. Davies-Alisson afirmam que “a justiça (...) deve ser sempre um objetivo o qual está por vir: ela nunca está no alcance” (cf. DAVIES, W.D.; ALLISON, D.C. Jr. *A Critical and Exegetical Commentary on the Gospel According to Saint Matthew*, p. 453, v. 1). De qualquer forma, podemos afirmar que expressões como “fome” e “sede” denotam ansiedade e urgência na busca da justiça, e o aumento das práticas injustas só faz aumentar

*misericordiosos* (v. 7), a *impureza* e a *corrupção* contrariam os *puros* (v. 8)<sup>17</sup>, a *violência* contraria os que *promovem a paz* (“pacificadores”, v. 9)<sup>18</sup>, e a *perseguição* os que *são perseguidos por causa da justiça* do Reino (v. 10).

Vale ressaltar aqui que justamente essas “más-aventuranças” caracterizam bastante o mundo atual. Já caracterizavam a sociedade na época de Jesus, e continuam caracterizando os dias atuais. O cristão deve se indignar quando observa essas “más-aventuranças” (injustiça, opressão, violência...). Elas não podem passar despercebidas por ele, ou seja, todo cristão autêntico não pode ser indiferente para com as “más-aventuranças”, dado que ele é por sua essência cristã um praticante das bem-aventuranças. Assim sendo, as bem-aventuranças não são simplesmente sentimentos piedosos<sup>19</sup>. A misericórdia, por exemplo, evoca no contexto uma ação concreta de perdão (cf. Mt 18,35, onde se admoesta o perdão dentro da comunidade cristã) e de auxílio aos desfavorecidos na sociedade (cf. Mt 25,35-37, onde por ocasião do juízo final Jesus, sentado no trono como juiz, evoca justamente o critério do auxílio aos desfavorecidos para acesso ao Reino dos Céus).

Se alguém é de fato cidadão do Reino, as “más-aventuranças” não podem passar despercebidas por ele. Naturalmente o cristão deve se indignar, ter fome e sede de justiça, de paz, de misericórdia, enfim, ele deve ansiar para que essas bem-aventuranças aconteçam logo. Em outras palavras, *o cristão, o discípulo de Cristo, deve lutar, deve se empenhar para que o Reino de Deus seja implantado imediatamente*. Nesse sentido, as oposições às bem-aventuranças devem incomodar, e muito... Por isso Jesus avisou que seus discípulos seriam perseguidos, como foram os profetas. Somente é perseguido quem incomoda em alguma coisa.

Não se pode mais “espiritualizar” as bem-aventuranças. O que pensariam os primeiros discípulos de Jesus, se o discurso do Sermão da Montanha fosse um ensinamento acerca de um Reino que seria implantado dali a milhares de anos?

essa “fome” e essa “sede”. O vocábulo “justiça” (*dikaíosynê*) aparece sete vezes em Mateus, cinco das quais no Sermão da Montanha, e duas delas no texto das bem-aventuranças, o que revela a importância do tema neste primeiro discurso de Jesus em Mateus.

17. A expressão “puros no coração” certamente faz referência ao Sl 24,4, onde os de “coração puro” têm “mãos inocentes”, ou seja, não estão comprometidos com o que não é verdadeiro, pois “não correm atrás de vaidades” e não “juram para enganar seu próximo”. O coração é o âmago, o centro do querer. Segundo o salmista, estes são os que “subirão o monte do Senhor”, “ficarão em seu santuário” (Sl 24,3), ou seja, na presença de Iahweh, e que “alcançarão dele a bênção e a justiça divina” (Sl 24,5). A “pureza no coração” contrasta com a pureza advinda de rituais de purificação de mãos e corpo prescritos na Lei mosaica, bastante apregoadas pelos escribas e fariseus.

18. “Pacificador” denota aqui “algo ativo, não simplesmente pacífico. Junto com as bem-aventuranças seguintes, esta bem-aventurança aponta para o mandamento de se amar os inimigos em 5,44-48” (cf. LUZ, Ulrich. Op. cit., p. 198).

19. Segundo Carter, “as bem-aventuranças dizem respeito não a emoções (o equivocado ‘felizes são’), nem a qualidades pessoais, mas primariamente ao favor de Deus para certas ações e situações humanas (Sl 1,1-2)” (cf. CARTER, Warren. *O Evangelho de São Mateus*, p. 178).

E, nesse caso, que sentido as bem-aventuranças poderiam ter para eles? O cidadão do Reino dos Céus deve lutar pela sua implantação a partir de já, do presente momento, do contexto em que vive. As bem-aventuranças vislumbram o Reinado de Deus à medida que começam a modificar o *status quo*.

Além disso, as bem-aventuranças refletem uma felicidade que brota do próprio fato de pertencer ao Reino dos Céus, ou seja, independe de circunstâncias externas. A bem-aventurança, a felicidade não pode ser importada, não pode ser comprada (como é a suposta felicidade dos que não pertencem ao Reino), mas precisa nascer na alma. Daí ela ser diferente da alegria, da realização oferecida pelo reino das trevas, promulgadas e executadas pelas “más-aventuranças”.

Essa nova Lei, oferecida agora por Jesus, é muito superior à de Moisés. Ela brota no coração, a exemplo do que havia já profetizado Jeremias na nova aliança de Jr 31,31-34. Essa nova Lei é leve, não é imposta, não é legalista. Daí Jesus oferecê-la como algo suave e leve em Mt 11,28-30, contrapondo à Lei oferecida pelos escribas e fariseus, pesada, fardo pesado, exterior, legalista e ritualista, pautada simplesmente numa tradição. É essa nova Lei, nova Aliança, que o Reino de Deus oferece. É essa que o cristão, cidadão desse reino, deve apregoar, oferecer e ser instrumento para sua implantação no mundo atual.

## Conclusão

O poder da comunicação na Bíblia tem no texto das bem-aventuranças um dos mais belos exemplares, bem como no Sermão da Montanha como um todo. Sua ênfase na justiça e sua vivacidade requerem do ouvinte uma tomada de posição, uma atitude: não há como ele ficar indiferente.

Em Mt 7,12, já próximo ao final do Sermão, na chamada *Regra de Ouro*, Jesus faz uma primeira síntese de seus ensinamentos referentes às relações humanas (o *nível horizontal* das relações), sendo tudo mais consequência dessa postura: “Tudo, portanto, quanto desejais que os outros vos façam, fazei-o, vós também, a eles. Isto é a Lei e os Profetas”. Jesus revela uma nova dimensão do Pai, desconhecida até então por muitos judeus. A sabedoria revelada por Jesus se pauta no agir, diferente da sabedoria grega, de caráter intelectual. Agindo conforme cidadão do Reino o homem poderá construir uma existência sólida para sua vida neste mundo, conforme Mt 7,24, aqui já praticamente no final do Sermão: “Portanto, quem ouve estas minhas palavras e as põe em prática é como um homem sensato, que construiu sua casa sobre a rocha”. A justiça ensinada e requerida no Sermão da Montanha ultrapassa a dos escribas e fariseus, pois não se pauta numa interpretação legalista da tradição e da Lei, ou numa religiosidade de aparência, mas sim numa relação com o próprio Deus, a qual determina o agir justo dos cristãos.

A comunidade de Mateus recebe orientação para um problema básico: o *como* permanecer fiel à fé cristã recebida em face às circunstâncias pelas quais estavam passando. As “más-aventuranças” somente cresciam. O mundo havia se tornado, para eles, um “campo de batalha”. Mas as bem-aventuranças são o estímulo necessário, proferidas pelo próprio Mestre, Messias salvador... o tema veterotestamentário da perseguição dos profetas e o do sofrimento dos justos são nelas retomados para analogia com os ouvintes, ao mesmo tempo em que servem como exortação, consolo e esperança para a comunidade sofrida permanecer firme e fiel aos princípios cristãos. Segundo Betz, “a autoridade final na qual as bem-aventuranças são baseadas é a justiça de Deus, um conceito fundamental para o Sermão da Montanha”<sup>20</sup>.

A ênfase na 2ª pessoa do plural nos v. 11-12 revela a ênfase na comunidade, uma consolação direta a ela, o que é confirmado na perícopes seguinte (Mt 5,13-16, a qual associa a comunidade a “sal da terra” e “luz do mundo”). O uso do particípio perfeito do verbo “perseguiir” nestes dois versos indica que a perseguição ocorreu no passado e continua a ocorrer no presente dos destinatários do discurso. A razão de ser da perseguição (“por causa de mim”, Jesus Cristo) indica que essa perseguição ocorre pelo fato de os seguidores de Cristo buscarem a justiça exigida aos cidadãos do Reino dos Céus.

O “buscar o Reino de Deus e sua justiça como prioridade”, em Mt 6,33, aparece como a segunda síntese das bem-aventuranças, agora em referência às relações com o Pai, o divino (o *nível vertical* das relações): os pobres, aflitos, necessitados, oprimidos, injustiçados são convidados à felicidade, descanso, misericórdia, pureza, mansidão, justiça e paz, características desse Reino que deve ser tomado como prioridade. A preocupação primeira dos discípulos deve ser com o Reino e sua justiça. As demais coisas se tornam acréscimos. A busca pelo Reino começa pela oração (“venha o teu Reino”, Mt 6,10a). O abandono da prioridade do Reino e sua justiça é o que dá espaço para o surgimento e crescimento das “más-aventuranças”. A expressão “Reino dos Céus” não significa que as promessas contidas nas bem-aventuranças devem ser “espiritualizadas” ou para serem concretizadas somente num “outro mundo”, numa outra dimensão futura. Os v. 3 e 5 deixam isso bem claro: os “mansos” receberão a terra em herança, e os “pacificadores” são os que não usam a força para impor conceitos, ideias ou sistemas sociopolíticos.

Muitos estudiosos cristãos acreditam que se Jesus voltasse encarnado faria novamente o mesmo discurso, pois as “más-aventuranças” continuam por aí... Pior: acreditam que as autoridades atuais (tanto civis quanto religiosas) seriam capazes de crucificá-lo de novo...

Nas palavras de Jesus fica uma certeza ao cristão: se ele está injustiçado, irado com este mundo, com a ordem presente de coisas, deve ter esperança, a

20. Cf. BETZ, Hans D. Op. cit., p. 95.

*esperança* do verbo *esperançar*, não a do verbo *esperar*. O cristão é bem-aventurado, pois ele é um cidadão do Reino. Ele deve ter a convicção de que pertence ao Reino dos Céus, então pertence ao Rei desse Reino, o próprio Deus, então nada pode afastá-lo de seu amor.

Enfim, bem diferente do conceito de “felicidade” presente no senso comum da sociedade moderna, a felicidade ou bem-aventurança na ótica de Deus e de Cristo está no *ser* (“Bem-aventurados são...”), e não no *ter* ou *aparentar*.

Dionísio Oliveira Soares

Estrada do Engenho, 1931 – Bangu, RJ (21840-000)

E-mail: dionisio2020@yahoo.com.br

### Bibliografia

- ALLEN, Clifton J. (Ed.). *Comentário bíblico Broadman*. Tradução de Ariel A. de Oliveira. 3. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1991, v. 8 (Mateus-Marcos).
- BARBAGLIO, Giuseppe; FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. *Os Evangelhos, I*. Tradução de Jaldemir Vitorio (Mt) e Giovanni di Biasio (Mc). São Paulo: Loyola, 1990.
- BETZ, Hans D. *The Sermon on the Mount: A Commentary on the Sermon on the Mount, including the Sermon on the Plain (Matthew 5:3-7:27 and Luke 6:20-49)*. Minneapolis: Fortress Press, 1995. (Hermeneia: A Critical and Historical Commentary on the Bible.)
- CARTER, Warren. *O Evangelho de São Mateus: comentário sociopolítico e religioso a partir das margens*. Tradução de Walter Lisboa. São Paulo: Paulus, 2002.
- \_\_\_\_\_. Some Contemporary Scholarship on the Sermon on the Mount. *Currents in Biblical Research*, London, Continuum, v. 4, p. 183-215, 1996.
- DAVIES, William D. *The Setting of the Sermon on the Mount*. Cambridge: Cambridge University Press, 1963.
- DAVIES, W.D.; ALLISON, D.C. Jr. *A Critical and Exegetical Commentary on the Gospel According to Saint Matthew*. Edinburgh: T&T Clark, 1988, v. 1 (ICC: The International Critical Commentary).
- KITTEL, Gerhard (Ed.). *Theological Dictionary of the New Testament*. Translated by Geoffrey W. Bromiley. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1964-1976, v. 6.
- LUZ, Ulrich. *Matthew 1-7: A Commentary*. Translated by James E. Crouch. Minneapolis: Fortress Press, 2007, v. 1. (Hermeneia: A Critical and Historical Commentary on the Bible.)
- OVERMAN, J. Andrew. *O Evangelho de Mateus e o judaísmo formativo: o mundo social da comunidade de Mateus*. Tradução de Cecília C. Bartalotti. São Paulo: Loyola, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Church and Community in Crisis: The Gospel According to Matthew*. Valley Forge, PA: Trinity Press International, 1996.
- SOARES, Dionísio O. The Background of the Resurrection in Matthew 27:52-53. *Glossolalia*, New Haven, CT, Yale Divinity School, v. 2, p. 118-129, Fall 2009.